

HISTÓRIA E MEMÓRIAS EM PALAVRA DE HONRA DE ANA MARIA MACHADO

Mara Lúcia Barbosa da Silva¹

Resumo: Este artigo se propõe a discutir como em *Palavra de honra* através da utilização de recursos narrativos distintos e por meio de histórias narradas de forma fragmentada, formando um grande mosaico, são constituídas as memórias individuais e afetivas da família Almeida Almada, as memórias coletivas e históricas do Brasil, e de certa forma também as do Ocidente, memórias essas que se mesclam de forma indissociável. Para tanto nos valeremos de conceitos teóricos acerca das formas de narração e de seus recursos, bem como de noções sobre memória.

Palavras-chave: Memória, história, narração, escritura.

Abstract: This article aims to discuss how to *Palavra de honra* through the use of different narrative resources and through stories told in a fragmented manner, forming a mosaic, consists individual and affective memories in the Almeida Almada family, collective and historical memories of Brazil, and to some extent also those of the West, these memories that merge inseparably. For this we use theoretical concepts about the forms of narration and its resources, as well as notions of memory.

Keywords: Memory, history, narration, writing.

O entrecruzamento de espaços, tempos e histórias pode ser considerado como uma característica das novelas e romances de Ana Maria Machado. Essas escolhas narrativas podem ser observadas em alguns de seus textos, como *Canteiros de Saturno*, *Para sempre*, *Infância*, *Tropical sol da liberdade* e *Palavra de honra*.

Palavra de honra é um romance que faz parte da literatura de Ana Maria Machado que é classificada, no site oficial da autora, como “Para gente grande” e foi publicado em 2005. A narrativa se divide em pequenos fragmentos, na sua maioria, que fazem as vezes de capítulos e que são delimitados pela imagem pequena de uma árvore, provavelmente um carvalho, que serve para sinalizar que está ocorrendo uma troca de narrador e/ou de objeto narrado.

¹ Bolsista de Pós-doutorado CAPES/PNPD do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Literatura e Autoritarismo

Identidade, memória e representações culturais

Em *Palavra de honra*, a autora nos apresenta um enredo que intercala tempo passado e presente para relatar a constituição do clã dos Almeida Almada na América do Sul, traçando uma linha imaginária entre Portugal e Brasil. Essa história familiar, ficcional, é emoldurada por um longo painel histórico que se inicia no final do século XIX, às margens de um riachinho de uma aldeia portuguesa, e se prolonga até o século XXI, pelas ruas do Rio de Janeiro, mais especificamente em Copacabana.

Acontecimentos que marcaram o mundo, como a guerra franco-prussiana, a constituição dos estados nacionais europeus, a I Grande Guerra, a disseminação de regimes totalitários por várias partes da Europa, a queda da Bolsa de Nova York em 1929; e o Brasil, como a passagem do regime imperial para a República, a escravidão, o movimento abolicionista, a chegada de milhares de imigrantes europeus refugiados da II Grande Guerra, o governo autoritário de Getúlio Vargas, a crise econômica brasileira, a ditadura militar, são vivenciados pelas personagens ou ao menos mencionados por elas ou no romance, formando o pano de fundo da saga “epopeica” dos Almeida Almada.

Alguns desses acontecimentos históricos, em maior ou menor escala, estão associados à chegada de José Almada ao Brasil, ao seu admirável progresso material e a posterior decadência, como também aos seus movimentos cotidianos, aos costumes e dramas pessoais, que fazem desse microcosmo familiar um exemplar típico de inúmeros outros grupos que imigraram para o Brasil para construírem, e em muitos casos reconstruírem, as suas vidas, como também para tornarem nosso país o que ele é hoje, uma república literalmente multifacetada, de inúmeras origens, o que lhe confere cores, sotaques e costumes distintos e onde a diversidade pode ser tida como o nosso fator comum.

Passado e presente vão sendo colocados lado a lado através das memórias de José Almada que serão repassadas às futuras gerações através de Maria da Glória, sua neta preferida, que ao solicitar continua e repetidamente que o avô narre as suas histórias, é quem se encarregará de manter vivas essas narrativas, impedindo-as de se perderem na poeira da história. Essas memórias chegam até Letícia, pertencente a 5ª geração de Almadadas no Brasil, que sendo leitora voraz e contumaz se vê diante da urgência de escrever. Escrever sobre as histórias da família, sobre o que pensa do mundo, sobre as suas reflexões profissionais, sobre o próprio escrever.

Literatura e Autoritarismo

Identidade, memória e representações culturais

Esse painel ocidental delineado por Ana Maria Machado é apresentado através da utilização de mais de uma voz narrativa e de recursos variados, como diários, cenas, sumários, digressões, analepses. A narrativa inicia-se com um narrador onisciente, em terceira pessoa, contando sobre como José Almada, à espera da morte em seu quarto, recorda-se e relata a sua vida desde a infância na terra natal até o momento em que se instalou no leito, aos 60 anos, idade na qual acreditava que todos os membros de sua família estavam fadados a deixar essa vida, até a sua morte 34 anos mais tarde. Antes disso, como percebeu Alaíde, sua esposa, quase nunca falava do passado e do que havia deixado em Portugal.

A ideia de partir, de buscar novos horizontes, já rondava a cabeça do menino José quando ficava observando as águas do pequeno riacho perderem-se na curva ao longe, pensando que um dia as seguiria. Esse desejo se reforçou através do contato com as experiências vividas pelo irmão de sua mãe, o tio Adelino, que tipifica o narrador “marinheiro comerciante” proposto por Walter Benjamin (1994, p. 198) que diz que popularmente entende-se que quem viaja tem muito para contar e que provavelmente é alguém que vem de longe. O tio Adelino tendo se tornado marinheiro, quando aportava na sua aldeia, chegava cheio de novidades, contava de suas andanças pelo mundo, de como esse passava por grandes e constantes mudanças e narrava com volúpia algumas histórias fantásticas que não vivenciara, mas sim ouvira de outros pelas tavernas portuárias.

Esse narrador-orador tipificado pelo tio de Almada também lhe servirá como modelo, pois a narração dele para sua neta Maria da Glória traz a marca da oralidade que remonta aos primeiros relatos epopeicos. Ele conta a ela sobre a sua aventura de atravessar o oceano Atlântico tendo como bagagem apenas um saco de lona, a chegada ao Brasil, quando divisou o “famoso gigante deitado, o homem colossal formado pelas montanhas” (Machado, 2005, p.41), os primeiros dias sozinho em solo brasileiro e a admiração com que descobriu a deslumbrante paisagem do Rio de Janeiro, a primeira visão de perto de pessoas negras; depois as paisagens de Petrópolis, as cores, os cheiros e os gostos do Brasil, a construção paulatina de seu patrimônio e a constituição de uma família brasileira.

Literatura e Autoritarismo

Identidade, memória e representações culturais

Ainda segundo Benjamin (1994, p. 200), a narrativa tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária que pode constituir-se de algum ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio ou norma de vida e que o narrador é um homem que sabe dar conselhos. José Almada através dos seus relatos e exemplos de vida tem o firme propósito de ensinar a Maria da Glória, e a sua descendência, a como preservar e perpetuar o bem maior que o seu pai lhe legara, a honra:

Não se esquecia de nada. Tinha uma bagagem de lembranças concretas. Porém, mais que tudo, carregava para sempre a marca funda das recomendações finais que ouvira, numa conversa séria na última noite em casa. (...) Com ar solene, resumira o equipamento moral de que os dotara até então e com o qual agora deixava o futuro viajante cruzar o oceano. A bagagem que o acompanharia por todos os anos à sua frente. Tudo o que compunha um homem de bem. Ter palavra. Viver com dignidade. Ser honrado. Trabalhador. Reto. Íntegro. (Machado, 2005, p. 33)

São perceptíveis na narração de Almada, nas memórias sendo revigoradas pela constante retomada, tanto o repasse do legado paterno, que significa a raiz fincada no passado, quanto a construção de uma nova identidade, uma identidade brasileira, no presente, da qual ele é o elemento basilar e a quem coube fazer a ponte entre esses dois mundos através da sua descendência e estabelecendo novas e várias ramificações.

Pollak (1989, p. 13) explica que, a despeito de variações importantes, encontra-se uma espécie de *leit-motiv* em cada história de vida. Essas características de todas as histórias de vida sugerem que estas, mais do que relatos factuais, devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade. Por definição reconstrução *a posteriori*, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência e é através do trabalho de reconstrução de si mesmo que o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.

Mais adiante, tomaremos contato com outro narrador, Letícia, falando agora em 1ª pessoa. Letícia é filha de Bruno, que é filho de Maria da Glória, que é filha de Nina, que é filha de José Almada, que é, portanto, seu trisavô. A história passará a ser contada, então, de forma recortada, alternando passado e presente, intercalando as histórias do trisavô com a narração de Letícia, a contar também as histórias da família, agora sob a interpretação de um olhar com mais de um século de distanciamento.

Literatura e Autoritarismo

Identidade, memória e representações culturais

Mas a personagem-narradora Letícia vai além, o seu relato não se restringe a recontar as histórias familiares. Através do emprego do recurso da digressão, serão trazidas à baila outras tantas discussões que, de uma forma ou outra, mais ou menos, estarão ligadas à história dos Almada. Um dos temas tratados em uma dessas digressões é sobre a vergonha:

Venho me interessando muito pela vergonha. Quero entender. Tenho pensado nela. (...) Os estudiosos distinguem duas formas, mas acho que há mais gradações do que isso. A primeira é mais externa. Vem de fora para dentro. Precisa de platéia. Não funciona na intimidade. (...) Uma violência pública e pessoal, especificamente dirigida a alguém. Com destinatário certo e objetivo de domínio. Para ser eficiente, necessita de testemunhas. Quebra a dignidade alheia e exibe seu efeito. (...) É um dos mais eficazes meios de exercício do poder. Quebra o inimigo por dentro. Em nossos dias, tem sido usado como forma de tortura por ditaduras e por potências poderosas, mediante precisas técnicas psicológicas para arrancar informações, ao submeter prisioneiros a situações que em sua cultura constituem uma vergonha suprema. (Machado, 2005, p. 61-62)

Podemos constatar nessa fala de Letícia as suas reflexões sobre questões éticas e morais, momento em que expõe as suas opiniões acerca do exercício do poder e sobre certos governos. Pela voz dela, então, apresentam-se questões que são muito caras a Ana Maria Machado e que estão muito presentes no conjunto da sua obra, como a discussão acerca do autoritarismo e dos desmandos do poder.

Em *Palavra de honra* esses assuntos são tratados de uma forma diluída, já que o foco principal está localizado nas questões das relações familiares, nos afetos e desafetos, na existência, permanência e diluição de laços. Episódios dispersos e pontuais, como a quase deportação de Bruno, pai de Letícia, de Portugal, quando esse pensou fazer uma viagem de retorno às raízes, em conhecer a terra natal do bisavô, trazem à tona uma série de questões acerca das relações de poder e submissão entre Brasil e Portugal naquele momento, envolvendo uma gama enorme de sentimentos, como humilhação, vergonha, frustração, raiva:

(...) Recebemos todos, de braços abertos. Nunca impedimos português de entrar aqui. (...) Tiveram uma ditadura de arrepiar? Precisaram se exilar? Nós recebemos, aceitamos todo mundo, demos refúgio e asilo enquanto não tivemos a nossa, enquanto não deixamos também de ser seguros até para a nossa própria gente. (...) E a primeira coisa que os ingratos nos

Literatura e Autoritarismo

Identidade, memória e representações culturais

fazem é bater com a porta na nossa cara! Isso não está certo! (Machado, 2005, p. 77-78)

No desabafo de Bruno também são mencionadas as ditaduras portuguesa e brasileira e as situações geradas por elas para seus cidadãos. Esse episódio é contado por Letícia, que o aproveita para fazer novas considerações sobre a vergonha: *Como o nojo, a vergonha não é só uma emoção ou uma sensação. Combina ambas.* (Machado, 2005, p. 79). É também através da fala de Letícia, que a obra apresentará argumentos acerca da escrita, da criação e de como essas funcionam para o ser humano:

É muito significativo que Freud tenha feito e aprofundado todas essas observações exatamente quando foi analisar o mecanismo da criação literária. Constatou que brincadeiras infantis, memória, fantasia, desejo e impulso para criar então enredados uns com os outros. O trabalho mental da criação surge a partir de uma impressão provocadora no presente, que desperta um grande desejo na pessoa, levando-a a recordar uma experiência de prazer, e fazendo-a criar um devaneio tecido com os fios dessa memória transformada. (Machado, 2005, p. 179)

O trecho acima nos faz remontar também ao caráter metaficcional da obra, pois Letícia mescla, ao longo da sua narrativa, os relatos do passado sobre a família e as suas reflexões sobre a sua vida no presente, os questionamentos profissionais que ocupam o seu tempo, incluindo-se nesses, questões sobre o seu processo em direção à escritura e de como o seu percurso profissional a levou a isso.

Na primeira aparição de Letícia, ela começa se perguntando se o caminho de todo leitor e sempre passar para o outro lado, tornar-se escritor e afirma que um dia ainda escreverá. Em uma fala seguinte ela afirma: “E agora me meto a escrever” (Machado, 2005, p. 27) confirmando que o seu desejo já se tornou realidade, mais adiante ela lembra que foi o pai quem lhe chamou a atenção para o fato de que seu interesse pelas narrativas era maior do que o de outras pessoas. Logo depois ela diz:

Agora é que me deu essa vontade de escrever. Experimentar meu próprio relato. (...) Apenas escrever. Assim solto, sem preocupação com qualquer estrutura. Sem compromisso com nada. Nem mesmo com um encadeamento linear, tudo certinho, ordenado, de começo-meio-fim. Sem arcabouço teórico sustentando, sem intenção de provar nada. (Machado, 2005, p. 27)

Literatura e Autoritarismo

Identidade, memória e representações culturais

Esse caráter metaficcional é corroborado pela criação pela personagem de uma espécie de manual prático de leitura, o *kit Letícia de leitura*, no qual assume uma postura de conselheira, de ensinar algo a seus possíveis leitores, aos narratários:

A quem estiver interessado, forneço o *Kit Letícia de leitura*. Dou as peças. Algumas, claro, funcionam até como instruções de uso. Leia com Letícia. Com alegria. É divertido, garanto. Faça você mesmo seu livro. Ou não. Como preferir. Embora os dicionários não registrem, leitura só pode ser sinônimo de liberdade. Neste tempo de *slogans* e palavras de ordem, contribuo com mais um. Seja livre, leia. Vai ser sempre um livro diferente daquele que o autor escreveu. (Machado, 2005, p. 18)

Um terceiro narrador será incorporado aos dois narradores já mencionados, os seus relatos serão escritos como os de Letícia e graficamente diferenciados no livro já que se apresentam em itálico. Essas histórias serão contadas pela tia-avó do pai de Letícia, portanto sua tia-bisavó, chamada Doralite, que ressurgue do passado e ingressa intempestivamente na vida da família. Ângela, sua sobrinha-neta, irmã de Bruno, reconhecerá nela as características físicas da família e será a responsável direta por integrá-la novamente ao grupo:

— Não precisava, Letícia. Assim que entrei no saguão do hotel, reconheci imediatamente. É uma mistura da vovó Nina com a tia Eugênia. A cara da vovó, o mesmo risco da boca, nariz grande... Só que bem magrinha como a tia. E o mesmo jeito de andar das duas. Assim que se levantou e deu dois passos, meu coração se apertou de saudade, foi incrível. (Machado, 2005, 69)

A tia Doralite, ou Dora, como queria ser chamada, também conhecida como Caçula, já que era a mais nova dos treze filhos dos Almada, inicialmente limitou-se a relembrar nomes e episódios familiares como para que legitimar a sua presença naquela família, não se dispunha a falar sobre o próprio passado:

— Não lembro.
— Não lembra mesmo?
— Não quero falar nisso.
Silêncio.
— Agora vá embora, quero ficar sozinha. Dormir um pouco. (Machado, 2005, p.87)

Enquanto Ângela encarrega-se de reambientar tia Dora ao grupo, Letícia está interessada em saber mais sobre ela e através da utilização de formas das terapias

Literatura e Autoritarismo

Identidade, memória e representações culturais

breves, que segundo ela são bem próximas de formas tradicionais de arteterapia, busca destravar as lembranças da filha rebelde e caçula dos Almada, para fazê-la falar do seu passado e elucidar algumas lacunas que havia sobre as histórias da família, alguns acontecimentos que haviam ficado perdidos nos baús secretos, nos “palácios da memória”:

O que mais tem me interessado profissionalmente, nos últimos tempos, é uma possibilidade que está se desenvolvendo agora em outros países – a terapia breve. (...) Lançar luz sobre áreas de sombra. Ou acionar mecanismos eficientes de identificação e projeção. (...) Muitas vezes recorrendo à ajuda da arte, seja por meio da pintura, música, dramatização ou narrativa.

Não pensei é que tudo isso poderia ter esse efeito em mim. Despertar essa vontade de escrever. Lembrar episódios familiares. Foi uma reação inesperada. (...) (Machado, 2005, p. 43-45)

Inicialmente, a tia Dora recebe blocos de desenhos e lápis de cor, depois um velho teclado e cadernos de escrever de capa dura. Nesses instrumentos ela rabiscou inúmeras figuras, revelou que sabia tocar piano e que tinha um profundo conhecimento musical e, por fim, nos cadernos, passou a relatar as suas lembranças pessoais:

Eu, Doralite de Almeida Almada, a Caçula, hoje Dora, nasci no dia 19 de junho de 1907 na cidade de Petrópolis. Sou a décima terceira. Meu pai era português, José Almeida Almada. Minha mãe era mineira, Alaíde Vieira Almada. (...) Eu fui muito alegre e sempre disposta a ajudar as pessoas que estivessem sofrendo.

Mas nunca fui a predileta de meus pais. Nem de ninguém. (Machado, 2005, p. 145)

Os dois cadernos e meio que foram redigidos por Doralite como diários, também podem ser vistos pelo seu lado epistolar, já que em determinados momentos de suas reflexões e relatos dirige-se a Ângela, provável interlocutora, e pessoa que está mais diretamente em contato com ela:

Você me pede para tentar lembrar deles, Ângela. E você tem sido tão boa para mim que eu vou tentar. (...) Nem sei se vou lhe mostrar este caderno, você mesma disse que não precisa, posso rasgar ou queimar depois de escrever. Mas vou fazer sua vontade e tentar lembrar de coisas boas. (Machado, 2005, p. 152-153)

Doralite conta a sua versão da história que, em certa medida, desconstrói a imagem da família perfeita, ao declarar a indiferença dos pais em relação a sua pessoa:

Literatura e Autoritarismo

Identidade, memória e representações culturais

Apesar de gostar imensamente de todo mundo, eu nunca fui a preferida de ninguém. Por isso vivia feliz longe de todos. Só de vez em quando lembrava deles. (Machado, 2005, p. 159). Mas isso não lhe induz a fazer o mesmo com a figura do pai, o que é percebido quando enaltece seu caráter e conseqüentemente os princípios de honra e honestidade que ele, mais do que apenas ensinar aos filhos, praticou ao longo de sua vida: *Um homem muito severo, mas justo. Porém nunca fui a preferida dele. Nem de ninguém.* (Machado, 2005, p. 161).

Essa retidão moral talvez explique o fato de que mesmo não sendo a favorita do pai, Doralite demonstre amá-lo profundamente, o que é explicitado em um de seus cadernos onde escreve: *E lembrei do meu pai. Luz da minha alma.* (Machado, 2005, p. 173), reproduzindo uma expressão a que anteriormente havia se referido com escárnio e que era utilizada pelo velho Almada ao se referir a sua diletta Maria da Glória: *Isso é que o piano sempre foi para mim... Luz da minha alma. A verdadeira... E não aquela bobagem do papai com a Maria da Glória* (Machado, 2005, p.151).

Devidamente reconhecida, Doralite será recebida novamente no seio familiar e como o herói que volta de uma viagem de aventuras e conta suas proações, ela fará um resgate de parte de sua infância e juventude em Petrópolis, sobre o que lhe aconteceu depois que deixou a casa dos pais, por quem não se sentia amada, e se aventurou sozinha pelo Rio de Janeiro, mas também sobre a sua vida presente, sobre a atenção de Ângela para com ela, a escritura do diário e seus dias na clínica geriátrica na qual ficou até a sua morte.

As noções de filiação, de aliança, de poder da palavra e de necessidade de narração, mais a viagem de proações e o regresso feliz à pátria, depois da errância, que culminam no reconhecimento pleno do herói, são uma conjunção feliz de temas, segundo Gagnebin (2002, p. 127), que marcam muitas das formas narrativas do Ocidente. A história urdida por Ana Maria Machado, em maior ou menor escala traz vários desses temas apontados por Gagnebin. Desse elenco destacamos a necessidade de narração, que se faz presente nos três âmbitos narrativos presentes em *Palavra de honra*.

José Almada, que tem a sua fala intermediada por um narrador, tem a necessidade de narrar tanto para repassar os seus ideais de vida, as ideias em que acredita e que defende, para manter o passado vivo, retomar as memórias da viagem que transformaram

Literatura e Autoritarismo

Identidade, memória e representações culturais

o menino português no homem brasileiro, quanto para criar o presente, seu próprio Brasil, que é constituído de uma mescla de histórias de trabalho e de vida pessoal.

Tia Doralite, por seu lado, tendo sua capacidade narrativa despertada, narrará talvez pela necessidade de reelaborar o passado e quem sabe conciliar-se com ele, pois mostra através de suas memórias que, mesmo transgredindo algumas das regras sociais que seriam caras à sua família e especialmente ao pai, ele é um dos seus grandes afetos e que o principal ensinamento dele, a observação da honra pessoal, foi regiadamente seguido por ela.

A necessidade de escrever de Letícia não é oriunda apenas de um desejo particular de falar da família, mas sim de uma necessidade mais geral. Na narração de Letícia há a inclusão de outros temas, inclusive, como já dissemos, o que trata do próprio escrever, pois procura também refletir sobre esse ato, adotando uma atitude crítica sobre ele. Essa circunstância fica explícita quando ela diz:

No fundo, acho que é isso mesmo. A linguagem. O poder que as palavras têm para criar um mundo paralelo. O assunto é secundário. Escrever apenas o que me der na telha. Às vezes me digo que estou com mania de querer escrever. Ou que preciso da escrita. Mas não é mania. Nem necessidade. É vontade. Desejo mesmo. Quero me dar esse prazer. Por que não? (Machado, 2005, p. 31)

A declaração da personagem: “Como eu, Letícia, agora transformada em contadora de histórias por vontade própria”, nos faz pensar que aquele narrador onisciente que nos traz a consciência de José Almada provavelmente foi criado por Letícia para repassar todas as histórias que ouvira da avó, que as ouvira de seu avô, ratificando o caráter metaficcional da obra, que estaria, assim, constituindo-se diante de nossos olhos.

Através do atendimento a essas necessidades de narração percebemos a constituição de uma memória individual, afetiva, da família Almeida Almada; e uma memória de caráter coletivo, dos Almadás brasileiros, memórias essas que estão ligadas de modo intrínseco. Segundo Halbwachs (2006, p. 64-69) a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos ao indivíduo, na verdade, são inspiradas pelo grupo, o sujeito é apenas um eco.

Literatura e Autoritarismo

Identidade, memória e representações culturais

Sendo assim a memória individual dos Almeida Almadas é constituída tanto pelas memórias lusas, da pequena aldeia à margem de um riacho, da família onde nas casas sempre havia uma broa redonda com uma faca enfiada no meio, quanto das memórias brasileiras, da serra de natureza luxuriante de Petrópolis, das terras do Caxangá, onde as laranjas eram douradas, doces como mel e do tamanho de um melão.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. **Pro-Posições**, Campinas, vol. 13, n. 3 (39), p. 125-133, set./dez. 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**: ou a polêmica em torno da ilusão. 8. ed. São Paulo: 1997.

MACHADO, Ana Maria. **Canteiros de Saturno**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MACHADO, Ana Maria. **Palavra de honra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

MACHADO, Ana Maria. **Para sempre**: amor e tempo. Rio de Janeiro: Record, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 4, n. 1-2, 1993. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 05 jan. 2013.

UMBACH, Rosani Úrsula Ketzer e VIANNA, Vera Lucia Lenz. Memória, escrita e assimetria de poder em *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 69-83, jul./dez. 2010.

<http://www.anamariamachado.com/home/>. Acessado em 02/12/2012.